

Iniciativas que tecem vidas de mulheres

n EVELINA MUCHANGA

AO raiar do sol todas abandonam a casa, percorrem caminhos diferentes mas com o mesmo fim: buscar algo para alimentar as suas famílias. São mulheres que, por iniciativa própria ou por alguma imposição, optaram pelo auto-emprego para tecer as suas vidas.



Vendendo fruta algumas mulheres ganham a vida

Uma trabalha à noite, anima os seus fãs, é DJ. Outra, a modista, com a linha, agulha e o tecido, junta as peças e faz roupas para outras mulheres, desde o básico ao clássico. Há aquela

que, com pedras, palha e linhas de saco, vai fazendo esteiras e proporciona um bom sono para quem é apreciador desta peça que não só serve como cama, mas também para sentar, sobretudo em cerimónias. Outras trabalham

na rua, são vendedoras de fruta, alimento essencial para a saúde.

Encontramos estas mulheres em diferentes pontos da província e cidade de Maputo. Na conversa, foram deixando escapar as batalhas que enfrentam no dia-a-dia,

para colocarem comida à mesa. Revelaram-se corajosas, determinadas e prontas a enfrentar desafios, pois a vida já lhes causou diversos dissabores. Talvez seja por isso que, hoje, comemoram alguns ganhos que conquista-

ram ao longo do tempo, embora sintam que ainda têm muito por fazer para alcançarem os seus objectivos.

Lina António, 41 anos, é uma das nossas entrevistadas. Ela, tal como as outras mulheres de Boa-

ne, província de Maputo, andou de esquina em esquina de diferentes bairros deste distrito a fim de encontrar o melhor ponto para vender diferentes tipos de fruta.

Fixou-se em frente a uma residência logo à entrada da vila de Boane. É aqui onde conversámos com ela. Ficámos a saber que é mãe de seis filhos e tem como fonte de sustento esta actividade desde os 19 anos.

Fez saber que a maioria da fruta, sobretudo a banana, adqui-

re localmente, mas outra como laranja, ananás, manga, compra no mercado grossista do Zimpeto, cidade de Maputo. "O negócio rende, ainda mais nos últimos dias em que o município nos incentivou a fazer bancas melhoradas que nos ajudam a expor melhor o produto e evitar quebras. Sustento a escola dos meus filhos e consigo suportar as despesas da casa", comemora.

Outra mulher que está animada com a venda de fruta é

Antonieta Gabriel, 39 anos, que abraçou a actividade há 15 anos. Durante esse tempo esta mulher, viúva, construiu a sua casa e consegue pagar a escola dos filhos. "O mais velho está na 8.ª classe e o segundo na 6.ª classe. O meu marido faleceu depois de eu ter iniciado o negócio. Inicialmente, ele não apoiava, mas depois aceitou porque ficou doente durante um ano e eu é que sustentava a família e até hoje continuo a alimentá-la", disse.

Ganhar a vida animando a plateia

LEILA Lalgy, 21 anos, é DJ. Chamou-nos atenção num evento na cidade de Maputo, pelo talento que demonstrava ao misturar vários estilos de música e animar o público. Convidámo-la a falar-nos um pouco mais do seu trabalho e revela: "Sou DJ. As pessoas com mente mais aberta aceitam ver uma mulher DJ, mas outras menosprezam a profissão e associam as pessoas à má vida".

Esta jovem mulher faz este trabalho há mais de três anos. Aprendeu do marido que também é DJ. Tem como principal mercado as cidades de Nacala-Porto, Pemba, Nampula, por vezes, Maputo. Muitos "shows" faz à noite, contudo, há outros; sobretudo, em festas ou seminários, que faz de dia.

Como mãe, Neila confessa que não tem sido fácil seguir o ramo, pois passa muitos fins-de-semana fora de casa e tem de trabalhar à noite. "De dia vendo roupa que importo na cidade de Maputo. À noite sou DJ, há vezes em que começo o trabalho às 23.00 horas e termino 4.00 ou 5.00 horas da manhã. Trabalho nocturno cansa. É desgastante. Contudo, compensa, pois já conseguimos comprar a nossa casa e alimentamos a nossa família graças a esta profissão", explica.

Actualmente, Leila está a fazer licenciatura em Administração e Gestão e pondera algum dia afastar-se dos palcos (tocar sempre que for necessário) e passar a ter como base de rendimentos o negócio.

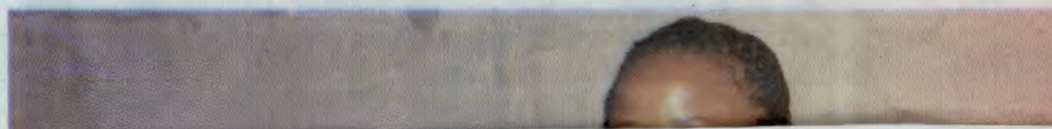


As djs não são mulheres de má vida, Leila Lalgy

A modista "escrava" da sua palavra

AMAR Domingas, 37 anos, é modista e tem como preferência confeccionar diversos estilos de roupa para mulheres, adequados a diferentes ocasiões entre festas,

É trabalhando com estas profissionais que Amar Domingos se sentiu confiante e capaz de caminhar sozinha e desistir da ideia de arranjar emprego.



AMAR Domingas, 37 anos, é modista e tem como preferência confeccionar diversos estilos de roupa para mulheres, adequados a diferentes ocasiões entre festas, galas e casamentos. Trabalha de forma independente há sensivelmente quatro anos, pois já foi colaboradora de algumas modistas e estilistas de renome nacional e internacional.

Mãe de uma menina, Amar Domingos sempre gostou de costurar desde os 9 anos quando via a mãe a cozer roupa. Ela juntava pedaços de tecido de capulana e fazia a sua roupa interior à mão. Vendo o talento que tinha, o tio materno, com quem vivia, deu-lhe a oportunidade de se formar na área, pagando-lhe um curso de corte e costura, quando ela tinha 22 anos.

"Fiz a prática na casa das irmãs franciscanas na Liberdade (Maputo). Depois consegui trabalho na Maria do Carmo. Concorri ao curso da Metalex e fiquei em segundo lugar. Como prémio, ganhei uma máquina de costura para acabamentos e um emprego na 'Teresa Chiziane'", disse.

É trabalhando com estas profissionais que Amar Domingos se sentiu confiante e capaz de caminhar sozinha e desistir da ideia de arranjar emprego.

"De dia trabalhava como modista e à noite cursava contabilidade. Estava no segundo ano e gostava também da área, tanto que procurei emprego, mas nada. Nos anúncios exigia-se anos de experiência que não tinha", realçou.

Desistiu e apostou no auto-emprego, usando o seu talento para ganhar a vida. Hoje, Amar Domingos está feliz com a sua escolha. Conseguiu erguer a sua casa e alimenta a família. Acredita que se tivesse continuado empregada não teria conseguido tudo o que tem hoje.

A nossa entrevistada é modista, mas consegue orientar as suas clientes a escolher um modelo que vá de acordo com o seu porte físico. Contudo, em primeiro lugar, respeita as escolhas dos clientes.

Convidámo-la a falar do segredo para se ser uma boa modista e não se fez de rogada: "Não seja



Amar Domingas aconselha: "não seja mafiosa"

mafiosa. Sempre que combinar com alguém que até ao dia 'x' a roupa estará pronta é melhor cumprir. Se tiver algum impre-

visto, ligue e cancele. É bom ser escrava da sua palavra", para ganhar confiança dos clientes. Amar Domingos disse que

gosta do seu trabalho e neste momento não trocava com coisa alguma, pois sente-se bem na actividade que desenvolve.



Sempre ganhei a vida fazendo esteiras, Leontina Zandamela

As esteiras que lhe fizeram os filhos crescer

É NAS terras do distrito de Mandlakazi, província de Gaza, que Leontina Zandamela, cuja idade desconhece, aprendeu do falecido pai a fazer esteiras, actividade que até hoje a tem como base do seu sustento.

Viúva e mãe de cinco filhos já crescidos (todos a viver nas suas casas), Leontina consegue fazer uma esteira ao longo do dia. "Quando faço a esteira já tenho cliente. Há pessoas que vêm da cidade de Maputo para comprar. Vendo entre 130 e 200 meticais, dependendo do tipo de material que uso".

Para fazer esteiras, Leontina precisa de caniço, linhas e pedras. Todo o material consegue próximo da sua casa, em Zelinga, distrito de Boane.

Todavia, mostra-se preocupada: "Os piores dias são de chuva porque quando o caniço molha fica danificado e não dá para usar. A minha casa é pequena e não tem espaço para colocar todo o material, por isso sou obrigada a ir ao rio todos os dias para cortar o caniço".

Para aumentar a renda, Leontina limpa terrenos dos vizinhos assim como trabalha para um privado que fornece água na zona, controlando o tanque que ali foi construído. O que ganha não é muito, mas dá para a sua sobrevivência.